

Privados apostam num envelhecimento de luxo

GRUPO PRIVADOS DE SAÚDE apostam nas residências para idosos e direccionam novos investimentos para quem tem mais de 65 anos.

Mário Baptista
mbaptista@economicasgps.com

Viagens a Espanha, almoços nas Pousadas de Portugal, visitas organizadas a museus, aulas de ginástica, cabeleireiro sempre disponível, "patuscadas" com amigos e tudo isto sem ter de se preocupar com cozinhar ou cumprir horários. Parece uma descrição das férias, mas é o dia-a-dia de quem escolheu habitar numa das residências privadas criadas para pessoas com mais de 65 anos, que

Diário Económico um dos administradores da Espirito Santo Saúde (ver caixas em baixo). Tomás Branquinho da Fonseca, que vai ainda este trimestre inaugurar a segunda unidade, Casas da Cidade (em Benfica), diz que o mercado está em expansão. O conceito é simples: "Trata-se de um complexo residencial inovador destinado a pessoas com idade a partir dos 65 anos, autónomas ou com um reduzido grau de dependência, que procuram uma solução com-

de, com conforto, comodidade e segurança". Há mais tempo no sector, a José de Mello Saúde também tem uma oferta variada. Nas três unidades para a terceira idade, os Mellos investiram 55 milhões de euros e sublinham as vantagens de uma assistência especializada, principalmente para as doenças que podem surgir no final da vida: "Uma das principais vantagens das Residências Assistidas Domus Vida é a especialização em Alzheimer, recuperações ortopé-

Prós e contras

Os administradores destas unidades de saúde convergem na ideia de que a principal desvantagem é o facto dos habitantes terem de sair da casa que sempre conheceram.

O objectivo, no entanto, é esse mesmo: proporcionar-lhes anos de conforto sem se preocuparem com as tarefas domésticas ou com os medicamentos.



começam cada vez mais a estar na moda.

A José de Mello Saúde, o Espírito Santo Saúde, o Montepio e outros pequenos grupos privados estão juntos na mesma mensagem: envelhecer não tem que ser um sacrifício e há cada vez mais pessoas a conseguirem suportar as altas mensalidades e a mudar-se de armas e bagagens para estes lares de luxo.

“Estar entre amigos, com liberdade mas com segurança é um dos principais atractivos” das soluções que os grupos privados já têm disponíveis, explica ao

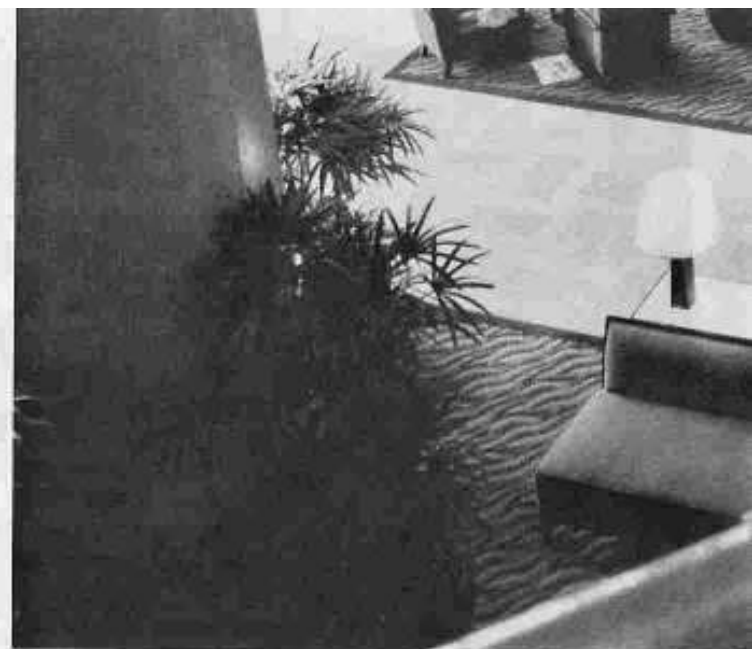
pleta de serviços a nível hoteleiro, de lazer e de saúde

Os lares dos grupos privados mais parecem hotéis de luxo com todas as mordomias. Os preços, claro, são a condizer.

dicas pós-cirúrgicas e assistência a doentes em estados de grande dependência”, diz a administração. Mas não é de doenças que o conceito trata, mas sim de envelhecer com qualidade. Nas visitas que o Diário Económico fez a estas unidades em Lisboa (também as há no Norte), o convívio era uma constante, não só para entreter, mas também para compensar aquela que é a grande desvantagem destes projectos: o facto das pessoas terem de sair da sua casa para entrarem num espaço que não conhecem. ■

com os medicamentos.

Os principais argumentos para o sucesso destas residências são a facilidade com que tudo é tratado. É fácil ser convencido pela ideia de morar num sítio onde não se tem de cozinhar, onde toda a gente tem a mesma idade e onde os dias passam centrados em actividades lúdicas.



OS PREÇOS DOS DOIS PRINCIPAIS GRUPOS PRIVADOS

1 | Mellos com mensalidades a partir de 1.850 euros

■ Há dois modelos: estadias temporárias ou permanentes. Nas temporárias, os preços começam nos 2.360 euros e incluem pensão completa, cuidados com a roupa e com a distribuição de medicamentos e um serviço de chamada de emergência. Para quem se quer mudar definitivamente para a residência, a jóia começa nos 17,5 mil euros, mas as mensalidades descem para 1.850 euros. Com três unidades em Lisboa, são organizadas diariamente um conjunto de actividades que mantêm os residentes quase sempre ocupados.



2 | Novas casas no Colombo custam 193 mil euros

■ Também aqui há dois modelos, sendo que a utilização temporária é mais cara: 1.860 euros por mês nas novas Casas da Cidade, ao pé do Colombo, do grupo Espírito Santo Saúde. Se o residente adquirir um direito de utilização vitalício, o valor inicial vai de 61 a 193 mil euros, e a mensalidade começa nos 1.220 euros. Tanto num caso como no outro, os preços acabam por ser só indicativos, porque todos os grupos privados têm tabelas de preços que variam consoante a idade e a tipologia da habitação, havendo muita flexibilidade nas negociações de preços.



Quanto tem de pou

Alguns conselhos para conseguir

{ **Alexandra Brito**
abrito@economicasgpos.com

Não há fórmulas douradas, nem investimentos milagrosos que permitam alcançar uma reforma confortável sem esforço. As questões levantadas nos últimos anos sobre sustentabilidade do sistema de segurança social tornam imperativo – principalmente para as gerações mais novas – a criação de planos de investimento privados com o ob-

jectivo de garantir uma velhice tranquila.

E quanto mais cedo começar, melhor. Alguns cálculos mostram que as diferenças entre começar a poupar aos 25 anos ou aos 45 anos são grandes – devido à valorização dos activos ao longo dos anos. Por exemplo, se construir aos 25 anos uma poupança com cinco mil euros e entregas mensais de 100 euros, chegará à reforma com um pé de meia de 189 mil euros. Isto se tivermos



Shane Siskind/Reuters

RUI PACHECO

Direcção de Investimentos
do banco Best



ZIRP World

Depois do Japão, temos os EUA com uma política ZIRP: 'Zero Interest Rate Policy'.

Uma das formas de estimular a economia é através da política monetária dos bancos centrais de cada país ou zona económica. Quando o problema é o sobreaquecimento da economia, são aumentadas as taxas de juro e quando o problema é a contracção económica, a receita é baixar as taxas de juro. A questão actual é o impacto nas taxas de curto e médio/longo prazo e até que valores se devem continuar a baixar as taxas de referência dos bancos centrais.

Depois do Japão, temos actualmente os Estados Unidos com uma política ZIRP ('Zero Interest Rate Policy'). Esta política monetária, de taxas de juro zero, tem sido alvo de grande discussão, existindo quem a defenda mas também quem lhe seja crítico... e o caso japonês não parece dar resposta às questões levantadas.



HOTEL OU HOSPITAL?

À primeira vista a foto poderia tratar-se de um 'lobby' de um hotel de cinco estrelas. Mas não. Trata-se de um hospital cinco estrelas na Tailândia. Mas as semelhanças entre o Bumrungrad Hospital e um hotel são várias, já que esta unidade hospitalar tem restaurantes, piscina e serviços de quartos 24 horas por dia.

par para garantir uma velhice cinco estrelas obter um pé-de-meia confortável.

em conta um rendimento médio de 5% ao ano deste investimento. Estes 189 mil euros dariam, por exemplo, para pagar a mensalidade na residência "Casas da Cidade" por um período de nove anos.

Mas se uma pessoa começar a pensar na velhice aos 45 anos, chegará à idade da reforma com uma poupança de "apenas" 54 mil euros. Ou seja, esta poupança só seria suficiente para pagar a mensalidade na mes-

Os especialistas aconselham as pessoas a construir uma poupança com vista à reforma o mais cedo possível.

ma residência por dois anos e meio.

Mas não basta poupar cedo. É preciso adequar a sua estratégia de investimento. Isto porque se começar a poupar aos 35 anos mas optar por colocar toda a sua poupança em depósitos, é certo que não vai ver o seu "pé-de-meia" crescer. Isto acontece porque muitas vezes, as taxas praticadas pelos depósitos não cobrem sequer a inflação. Contas feitas, em termos reais, po-

derá estar mesmo a perder dinheiro. Por isso mesmo os especialistas aconselham as pessoas a aplicar as suas poupanças de acordo com o seu horizonte temporal. Assim, se um investidor estiver próximo da idade de reforma deve procurar aplicações de baixo risco. Mas caso o investidor esteja longe da velhice, as suas poupanças deverão ser canalizadas para activos mais ariscados como sejam as acções. ■

Todos percebemos o impacto que pode ter uma descida de taxas de, por exemplo, 6% para 2%. Mais difícil é garantir que uma descida de 2% para 1%, ou mesmo de 1% para 0%, tenha ainda impactos significativos no estímulo da economia. Existe ainda quem defenda que esta "última reserva" deve ser deixada para um período em que já se perspective algum melhoramento das condições económicas de modo a proporcionar um "empurrão" final ao relançamento da economia, em vez de se levar as taxas até zero no início da crise e "ficar sem munições".

A segunda derivada do Mundo ZIRP são as taxas de longo prazo. As taxas de referência dos bancos centrais têm um efeito mais imediato e visível nos prazos mais curtos, sendo que os prazos mais longos são influenciados por uma série de outros parâmetros como as expectativas de crescimento económico e de inflação e a própria lei da oferta e procura. Dado que tanto famílias como empresas contraem empréstimos de médio e longo prazo, assim como os bancos que os financiam, os bancos centrais têm também como objectivo levar a uma descida nas taxas de prazo mais longo e é aqui que entram as medidas menos usuais denominadas 'quantitative easing' que passam, por exemplo, pela compra de dívida pública de forma a trazer as taxas ('yields') de longo prazo para valores cada vez mais baixos. Se os bancos centrais podem alterar as taxas de curto prazo ao seu critério, já as taxas de longo prazo são mais difíceis de controlar, especialmente quando é previsível que a oferta destes títulos aumente pelo facto dos governos se terem que financiar e emitir dívida... enquanto os bancos centrais vão tentando comprar o máximo de dívida para aumentar o preço de mercado e baixar as 'yields', os governos vão emitir nova dívida previsivelmente a taxas superiores de modo a conseguir escoar o maior volume e a compensar os investidores pelo aumento do risco / diminuição de 'rating'. São novos equilíbrios que têm que ser alcançados, por vezes de forma dolorosa. São novos níveis de poupança/consumo/investimento/produção/... que têm que ser encontrados, mas quanto mais rápido o forem, mais rápido podemos sair deste mundo ZIRP e voltar ao mundo do crescimento económico. ■